
“- O que é Coca-cola? – Água Envenenada”.
Tramas culturais e choques identitários no filme ‘Capitão Fantástico’¹

Marcela Nunes GOMES²
Giselle Xavier d’Ávila LUCENA³
Universidade Federal do Acre, Rio Branco, AC

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre os conceitos de cultura e identidade no contexto da pós-modernidade, a partir da análise do filme “Capitão Fantástico”. Como fundamentação teórica, utiliza-se Hall (2006), Bauman (2013), Ianni (2013), Lipovetsky e Serroy (2011), entre outros. Para o estudo, as cenas do filme foram selecionadas intuitivamente, ilustrando de forma rica os conceitos apresentados ao evidenciar enredos culturais e dilemas identitários protagonizados pela família Cash, formada por um casal que cria seus seis filhos em floresta, afastados dos padrões impostos pela sociedade de consumo. Dado o suicídio de Leslie, a família passa por situações em confronto com outra parte da família e acaba sendo forçada a rever suas escolhas.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; identidade; globalização; filme “Capitão Fantástico”.

Introdução

A partir dos conceitos de cultura, identidade e globalização, e da análise do filme “Capitão Fantástico”, este trabalho se propõe a refletir acerca das tramas culturais e choques identitários vividos pela família Cash. Através da experiência dos personagens e dos acontecimentos vivenciados por eles, é possível identificar cenas que exemplificam e ilustram situações reais da sociedade moderna.

Apesar de ser uma obra fictícia, o cinema, de modo geral, consiste em uma importante ferramenta para verificar vários aspectos do cotidiano social, político, econômico, ideológico etc (LEITE, 2003) da sociedade moderna. Além disso, o filme aqui escolhido apresenta enredo que dialoga com os conceitos abordados. O cinema, afinal, constitui-se em uma fonte de prazer e “significado para muitas pessoas da cultura ocidental” (TURNER, 1997, p. 49). As experiências cinematográficas contribuem para a

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Recém-graduada do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFAC, e-mail: marcella.ng.mng@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Bacharelado em Jornalismo da UFAC, e-mail: giselleufac@gmail.com

construção e ampliação de significados, de gostos e saberes do espectador, ao retratar valores individuais e coletivos, ao proporcionar o encontro com outras culturas, com o diferente, para além disso, amplia o conhecimento dos sujeitos sociais acerca dos fenômenos culturais e identitários.

[...] o cinema constitui-se em uma matriz social singular de percepção, elaboração e transmissão de saberes e fazeres, possibilitando distintas formas de apreensão, compreensão e representação do mundo. Nesses termos, enquanto uma modalidade integrante do conhecimento humano, o cinema orienta e explica percursos individuais e grupais formados em ambiências em que a imagem em movimento constitui e possibilita aprendizados que passam a compor o estoque de experiências da sociedade (SILVA 2010, p.161-162).

O trabalho em questão é importante para a área de comunicação porque explora conceitos afins a esse campo, uma vez que as identidades são forjadas no âmbito cultural, construídas e desconstruídas a partir de processos comunicativos que ocorrem na sociedade (FLORES; SILVEIRA, 2012). “Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos [...] e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas de tempos, lugares [...] e parecem flutuar livremente” (HALL, 2006, p. 75).

Na análise fílmica, serão explorados os principais conceitos teóricos atinentes a cultura, a partir de Bauman (2013) e Lipovetsky; Serroy (2012), e identidade, a partir de Hall (2006) e globalização, com Ianni (2013) em sua relação com os fenômenos culturais e identitários no que diz respeito a relação mídia, identidade e cultura, e também, a relação entre identidade e diferença. Para aprofundamento deste conceito, estabelecemos um diálogo, também, com os autores Flores e Silveira (2012), Silva (2010), Turner (1997), Leite (2003) e Woodward (2000).

Luz, câmera... foco no filme

“Captain Fantastic” ou “Capitão Fantástico” é um filme de comédia-drama escrito e dirigido por Matt Ross⁴, autor, diretor e roteirista norte-americano. O filme estreou em

⁴ Curiosidades: Matt Ross estreia como diretor em 2012 com o trabalho “28 Quartos de Hotel”, o qual foi lançado nos EUA, mas não alcançou as telas de cinemas brasileiros. Contudo, durante o lançamento de seu segundo longa-metragem, “Capitão Fantástico” em 2016, Ross alcança visibilidade e destaque internacional, rendendo várias indicações e premiações em diversos festivais do mundo a fora. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-227320/criticas-adorocinema/Acesso em: 10 de maio de 2019>.

janeiro de 2016, no Festival de Sundance de Cinema, na Cidade de Park City em Utah (EUA). Contudo, sua primeira apresentação internacional foi em maio do mesmo ano, no Festival de Cinema de Cannes, onde recebeu o prêmio de melhor direção, na sessão “Un Certain Regard”⁵, considerada a segunda mais importante do Festival. No Brasil, o lançamento oficial do filme foi realizado pela “Universal Picture”, em dezembro de 2016.

A estreita relação do filme “Capitão Fantástico” com a própria história de vida do diretor/roteirista Matt Ross⁶, a escolha rigorosa e criteriosa dos personagens que comporiam o elenco, os quais, dada às experiências empíricas, souberam alinhar a habilidade e a sensibilidade para a interpretação dos papéis propostos, a singularidade de Ross na condução da produção e direção fílmica, a fotografia, arte, a técnica utilizada para a elaboração do roteiro, dentro outros aspectos que compõe a arte cinematográfica, contribuíram para que o filme obtivesse êxito.

Considera-se, portanto, que dado o conjunto da obra (elenco, performance, cenário, roteiro e etc.) mas, principalmente, devido a riqueza temática do “Capitão Fantástico”, contribuiu para que o filme lograsse sucesso em vários festivais e alcançasse as telas de cinema do mundo inteiro. A obra fílmica, a qual é acompanhada de uma leveza e “pitadas” de bom-humor, contribui para a ampliação do conhecimento acerca das diversidades culturais, ao fazer críticas à sociedade de “consumo”, ao enaltecer uma forma alternativa de modelo social, propondo a fuga de estilo de vida dos padrões impostos pela atual sociedade americana de “consumo”, além de suscitar reflexões sobre confrontos culturais e identitários protagonizados pelas experiências de cada personagem. Acrescenta-se que essas características renderam ao filme vários prêmios e indicações, em diversos festivais do mundo a fora. Até 2017, “Capitão Fantástico” recebeu 14 premiações, das 43 indicações.

⁵ “Un Certain Regard”, é uma mostra, que compõe o “Festival de Cinema de Cannes”, criada em 1978 por Gilles Jacob, mas que funcionada de forma paralela à seleção oficial. Nessa mostra 20 (vinte) longa-metragem participa da seleção, e o diretor do filme vencedor é premiado com 30 (trinta) mil euros.

Referência: CORREIO BRAZILIENSE. **Nadine labaki presidirá o Un certain regard, no festival de Cannes.** 2019. Disponível em: < https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/03/26/interna_diversao_arte,745350/nadine-labaki-presidira-o-un-certain-regard-no-festival-de-cannes.shtml>. Acesso em: 10 maio. 2019.

⁶ Em um dos prêmios, Matt Ross explicou que o filme começou a nascer quando ele se tornou pai, quando passou a avaliar a respeito sobre a melhor forma de educá-los. O autor se indagou – “e se o melhor que acho não for o melhor para eles?”. Assim, o filme traz questionamentos importantes sobre educação, formação, estudo, cultura, hábitos de criação em geral.

Por dentro do enredo



Figura 1: Foto oficial do cartaz do filme “Família Cash adentrando a cerimônia fúnebre.



Figura 2: Cartaz do filme “Capitão Fantástico”

O filme “Capitão Fantástico” narra a história de Ben Cash (Viggo Mortensen) e de Leslie Cash (Trin Miller), um casal que decide criar seus seis filhos isolados da civilização, em uma floresta selvagem banhada por rios, pinheiros e montanhas, situada na região de Oregon, na costa noroeste dos EUA. Mais do que formar uma espécie de família ideal, o casal buscava garantir a seus filhos um estilo de vida natural, sem influência capitalista, desprendido das tecnologias e das comidas industrializadas, ou seja, de todos os hábitos e costumes que remetessem aos padrões impostos pela cultura moderna.

Assim, distantes de influências externas, as crianças foram educadas a cargo dos pais sob um regime rígido e peculiar de educação moral, física e intelectual, que compreendia desde lições básicas a lições mais complexas: alfabetização; hábitos de leituras filosóficas e de obras clássicas; aulas de instrumentos musicais; técnicas de oratória e de estratégias argumentativas e de persuasão; exercício de debates; rígidos exercícios esportivos de condicionamento e de resistência física, como a escalada; técnicas estratégicas de combate ao inimigo; a caça; dentre outras atividades e missões de entretenimento proposto pelo “Capitão”, pai das crianças. Essa rotina intensa de estudo e de atividades físicas imposta pelos pais, principalmente, por Ben, colaborou para torná-las bem mais desenvolvida intelectual, física e moralmente em relação às outras crianças da mesma faixa etária.

Contudo, os dez anos de isolamento da família Cash são interrompidos quando eles recebem a notícia de que Leslie Cash (matriarca da família) cometeu suicídio em um dos hospitais de Washington, onde encontrava-se internada desde que havia sido diagnosticada com problemas de depressão e bipolaridade. Com a morte de Leslie, a

família, que vivia princípios filosóficos “alternativos”, é forçada a participar de outro contexto cultural, um cenário urbano do qual encontravam-se afastados, fosse na tentativa de rever Leslie pela última vez, ou na missão de realizar um de seus pedidos registrados em seu testamento – que era, enquanto praticante da religião ou prática “filosófica” budista, o desejo de que seu corpo fosse cremado. Esse episódio de deslocamento do habitat “natural” ao habitat “civilizado” expõe a família a inúmeros desafios, diante de choques culturais e conflitos identitários, os quais são explorados durante o enredo fílmico.

Uma família peculiar



Figura 3 - Ritual da Família Cash
Fonte: Capitão Fantástico (2016)



Figura 4 – Sexualidade na família Cash
Fonte: Capitão Fantástico (2016)



Figura 5 – Leitura do Livro “The Joy of Sex (Os prazeres do Sexo)
Fonte: Capitão Fantástico (2016)



Figura 6 – Comemoração do Dia do Naom Chomsky
Fonte: Capitão Fantástico (2016)



Figura 7 – Facas como presente do dia do Naom Chomsky
Fonte: Capitão Fantástico (2016)

A narrativa fílmica apresenta dois modelos culturais: a sociedade americana capitalista, onde viviam os familiares e parentes do casal; e o modelo idealizado por Ben

e Leslie, representado pela floresta selvagem, onde o casal decide se isolar juntamente com seus filhos, na tentativa de aderir a um estilo de vida mais simples e natural por meio da adesão de práticas mais saudáveis e benéficas, desprendendo-se de práticas consumistas, e isentando-se da utilização de tecnologias no dia-a-dia.

Ben e Leslie enxergava a cultura de “consumo” da sociedade americana capitalista como um sistema opressor, onde os “poderosos” exploram “os desfavorecidos”, responsável pelo aumento das desigualdades e caos sociais, dentre outras “mazelas”. A insatisfação e o inconformismo, somando às divergências ideológicas, levou o casal repudiar os padrões impostos pelo modelo cultural vigente, a qual seus familiares e parentes, ainda, permaneciam inseridos.

Para Bauman (2013), na contemporaneidade, a tendência cultural é constituir uma sociedade essencialmente de consumidores, mais do que isso, é transformá-los em produtos à venda, ou seja, torna-los mercadorias. Para o autor, os padrões impostos, pela sociedade de consumo influenciam de forma significativa a construção das identidades dos sujeitos individuais e coletivos, tornando-se aceitos os indivíduos que dispõem de recursos e condições para usufruir daquilo que está sendo imposto como modelo ideal a ser consumido, copiado e reproduzido. A verdade é que a indústria de consumo, nunca esteve interessada em criar meios para a satisfação plena dos sujeitos sociais, mas sim, sempre criar novas ambições e necessidades. Nesse contexto, tantos os cidadãos que dispõem de recursos para usufruir do que está sendo proposto, quanto aqueles que não têm condição, são imersos em uma “crise de identidade”. Para Ben, o isolamento, o estilo de vida e o modelo alternativo de educação eram condições indispensáveis para salvar os filhos da opressão do regime vigente, livrá-los das formas unificadas, universalizadas e homogêneas, torna-los de fato diferentes das demais crianças e adolescentes daquela mesma faixa etária, a começar pela singularidade nome, onde somente elas e mais ninguém eram chamadas daquela forma.

As figuras 03, 04, 05, 06 e 07 ilustram aspectos peculiares da família Cash, hábitos, costumes, ações que a diferenciam das demais famílias americanas. Uma das cenas que se destaca logo de início (Figura 3) é a iniciação de Bodevan Cash ou Bo, à vida adulta, por meio de um ritual, onde caça e mata um cervo, e em seguida mastiga um pedaço do seu coração num processo de transformação de menino em um homem. É uma prática característica das culturas indígenas.

O isolamento proposto por Ben é interrompido após o suicídio de Leslie, pois os Cash desejam participar da cerimônia fúnebre e também realizar o último desejo registrado em testamento pela matriarca. Leslie desejava ser cremada conforme “filosofia” de vida budista, e que suas cinzas fossem jogadas em um vaso sanitário. Por mais “cômico” ou “surreal” que parecesse o pedido, a família encarou-o como uma missão a ser realizada. O episódio da Figura 4 mostra os Cash dentro do ônibus apelidado pela família de ‘Steve’, durante o percurso rumo ao Novo México, onde mora os avôs das crianças, Abigail (Ann Dowd) e Jack (Frank Langella). Esse retorno ao mundo “civilizado” expõe a família diante de uma realidade completamente diferente aos costumes da floresta, a começar pelo aspecto pertinente às vestimentas, porte físico, hábitos alimentares, e hábitos em geral. Percebe-se que a partir do momento em que os distintos valores precisam coexistir, surgem os conflitos de identidade. O falecimento de Leslie, por exemplo, leva os personagens a se confrontarem com o resto do mundo dado a diferença de interesse: de um lado os familiares (pai, mãe e demais parentes) desejam realizar a cerimônia fúnebre e o velório conforme os costumes da igreja católica e os princípios cristão; e de outro, Ben e os filhos, buscam atender o último pedido de Leslie, conforme costumes budistas.

A Figura 04 retrata o momento de um diálogo entre Ben e Nai (filho caçula). Naquela ocasião, o pai fala abertamente com filho sobre questões que, talvez, ainda sejam tratadas como tabus para uma conversa familiar, no contexto atual da sociedade. O filho pergunta: “o que significa estupro?”, “o que é relação sexual” e “por que um homem colocaria o pênis na vagina de uma mulher”. Essas perguntas fazem um contraste entre a ingenuidade da criança sobre sexualidade e a relação do pai com a verdade, respondendo-as com normalidade, de forma objetiva, sincera e sem nenhuma cerimônia. Imagina-se que a conduta do pai contrapõe-se ao modelo adotado pelos pais modernos, em que o natural seria negar a existência do sexo às crianças. A figura 05, mostra Nai lendo “The Joy of Sex” (Os prazeres do Sexo), sem nenhum julgamento ou objeção pelo tipo de conteúdo literário.

Destaca-se mais adiante, figura 6, o momento em que a família Cash comemora o aniversário do filósofo, sociólogo e linguista americano Noam Chomsky, ao invés do Natal, como uma crítica ao consumismo ocidental, onde as datas simbólicas servem a lógica da cultura consumista, por meio da movimentação do mercado capitalista. Outra cena que chama atenção é demonstrado na Figura 7, quando, ao invés das crianças e

adolescentes serem presenteados com brinquedos ou aparatos tecnológicos (videogame, celular e outros) são presenteadas com livros e facas, o que pode ser considerado inadequado para crianças daquelas idades. Aqui, percebe-se uma contradição quanto ao regime cultural proposto por Ben, pois, ao passo que o pai justifica o isolamento da sociedade americana moderna como uma forma de defendesse a si e a sua família das crueldades do regime capitalista, observa-se que, por outro lado, expõe seus filhos ao perigo através daquilo que conceitua como sendo “presente”. Em outros episódios, percebe-se que Ben submete as crianças às práticas de atividades físicas que poderiam ser consideradas abusivas, como o episódio em que Ben convoca-os a escalar montanhas em plena tempestade.

As cenas ilustradas, mais do que apresentar a característica singular da família Cash, objetiva, essencialmente, propor uma fuga à cultura da pós-modernidade (HALL, 2006), da era “líquida” (BAUMAN, 2013), da hipermodernidade (LIPOVETSKY; SERROY, 2011), pois ao valorar as práticas ritualísticas das tribos indígenas, apresenta uma alternativa cultural característica das sociedades tradicionais, o retorno ao modelo cultural “sólido”. Segundo Bauman (2013), a estrutura social da cultura “sólida” apresentava formas “previsíveis”, “estáveis”, “equilibradas”, pois se organizavam a partir de referenciais estáveis, como a família, a religião, a cultura, os rituais, as crenças, dentre outros. Tais características alimentavam um ímpeto sentimento de segurança nos sujeitos sociais no interior da organização, do grupo, da comunidade. Bauman (2013) atribui que essas mudanças na estrutura da cultura ocorrem em consequência do advento da globalização, que dissolveu os referenciais semânticos de cultura concebidos à fase iluminista, e que resultou em transformações apressadas, aceleradas e intensas no interior da sociedade, hoje intitulada por ele como modernidade “líquida”. De acordo com a metáfora da “liquidez”, assim como os líquidos, não conseguem manter suas formas por muito tempo porque logo se desfazem.

“Coca-Cola é Água Envenenada”

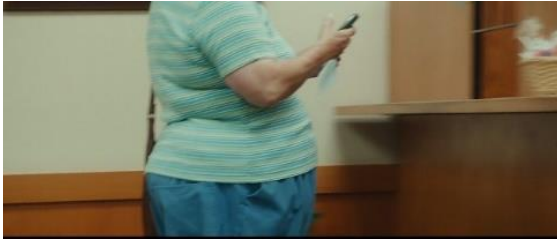


Figura 8 – Família Cash no banco
Fonte: Capitão Fantástico (2016)



Figura 9: “O que é Coca-cola – Água envenenada”
Fonte: A folha em branco (2013)

Durante o trajeto até o Novo México, a família realiza várias pausas para se alimentar e descansar. Na primeira parada (Figura 8), os Cash adentram em um banco e se deparam com um grande número de pessoas obesas. Zaja pergunta: “o que tem de errado com eles?”. “Eles estão doentes?”, questiona Kyelir. “Todos são tão gordos. Gordos como hipopótamos”, afirma Nai. A cena reitera uma forte crítica social do regime capitalista protagonizado pelo diálogo entre pai e filhos, utilizando-se para isso o recurso da “ironia” e da “ingenuidade” das crianças que torna cada episódio divertido e engraçado, minimizando o forte aspecto da crítica. Considera-se que a intenção é de fato atacar o estilo de vida sedentário, onde dado o advento da globalização e, por conseguinte, do avanço das tecnologias, a cultura de “consumo” tende a oferecer um modelo de vida cada vez mais “confortável”, principalmente, aos sujeitos providos de maiores poder aquisitivo: carros de últimas gerações; alimentos “fast food”, tecnologias de ponta como celulares, tablets etc. Ben caminha na contramão da indústria de consumo, ao prezar pelo cultivo de hábitos naturais e primitivos: como a caça, a pesca, remédios medicinais, cultivo de plantas e legumes, entre outros.

A Figura 9 corresponde a cena que inspirou o título desse trabalho. O episódio evidencia um choque cultural protagonizado pelos Cash que devido ao isolamento na floresta, desconheciam sobre quase tudo relacionado ao cenário urbano, e o que conheciam eram por meio de livros. “Se não tiver saído da merda de um livro eu não sei de nada desse mundo”, desabafa Bo. A cena em questão transcorre no interior de um

restaurante (segunda parada) durante o deslocamento à Cidade, Ben e as crianças estão postos à mesa, prontos para consumir algo, contudo ao fazer a leitura do cardápio, deparam-se com nenhuma opção saudável ou natural. O restaurante oferecia cachorro-quente, milk-shake, hambúrguer e batata frita. Por conta disso, eles ficam revoltados e se retiram do estabelecimento sem consumir nada. Uma das falas do enredo que evidencia uma crítica ao “fast food”, é percebida no diálogo do pai com a Zarja (filha caçula) a qual indaga “O que é Cola-cola?” O qual Ben explica se tratar de uma água com veneno. O que, tecnicamente é verdade, se verificado a quantidade de conservantes, corantes, açúcares e outras substâncias presentes nessa bebida, que podem comprometer a saúde humana, além de ser utilizado em serviços domésticos para o desentupimento de pias, vasos sanitários etc. Observa-se que dentre as infinitas hábitos e costumes da cultura contemporânea, destaca-se as questões de ordem alimentares, que devido a propagação de *fast food*, corroborou para o aumento de más práticas e, conseqüentemente, de doenças relacionadas à obesidade.

A cena da família chegando no funeral (Figura 1), é cena do cartaz do filme, conforme (Figura 2) e evidencia a questão de que a roupa e/ou vestuário assumem um sentido importante no contexto da sociedade de “consumo”, e diz muito sobre cada indivíduo. Jack, protagonizado por Frank Langella, o avô das crianças, principal opositor de Ben, por não concordar com a forma como Ben educava e criava seus netos, reforça a ideia de que as vestimentas assumem diferentes sentidos dependendo da sociedade e/ou grupo étnico, social em que o indivíduo está inserido. “Quem você acha que a polícia vai ouvir? A mim ou a um hippie com roupa de palhaço?”, confronta Jack. Bauma (2013) e Lipovetsky e Serroy (2012), já argumentava que no contexto da cultura de “consumo”, o indivíduo só é percebido e valorizado se este possuir potencial de consumir. Ben e seus filhos, mostram-se trajados com roupas que remetem aos anos 1980, o que demonstra uma relação ao diferente, ou seja, se enquadrava em um contexto cultural e possuía uma identidade peculiar e diferenciada em relação às pessoas que ali estavam. Assim sendo, o modo como os Cash se trajavam contrastava com os padrões impostos pela cultura da “moda”, pois, além das peças obsoletas dentro do contexto em que a família estava inserida, as roupas usadas transmitiam uma imagem de uma família desordenada, bagunceira, ao contrário dos trajes do avô, que transmitia uma ideia de seriedade e respeito. É como se o filme sugerisse. Quer respeito? Quer ser tratado como cidadão? Então reveja a forma como tem se trajado, pois, eles falam muito sobre quem é você.

A questão da roupa como um artefato carregado de sentido, é colocada em discussão, em um momento anterior, quando Ben surge nu, na porta do seu ônibus chamado Steve, e é questionamento por um casal de idoso sobre o porquê da ausência das vestimentas. Nesse contexto, observa-se que a depender do grupo social, o corpo se veste não apenas de tecido, mas de sentido. Em várias sociedades, essa exibição do corpo nu pode ser considerado um atentado ao pudor, assim como as roupas podem definir a classe social, o gênero, as preferências culturais etc.

Bauman (2013), crítico da era “pós-moderna” e da globalização, se refere à época como modernidade “líquida”, por acreditar que o primeiro termo é desapropriado ao período por resguardar certo aspecto ideológico, aponta que as práticas de consumo, características das sociedades globalizadas, são subsidiadas pela cultura da “moda”, considerada um fenômeno social em constante “devir”, e que está a serviço de uma ideologia de mercado orientada para a ótica do consumo exacerbado. O consumo, portanto, acaba se relacionando a um modo de ser e existir. É sob o comando da “moda”, por exemplo, que os sujeitos são direcionados a consumir mais e mais identidades, a se manter sempre atualizados e em dia com as novidades que são lançadas no mercado, sob o risco de que, se assim não o fizer, serão estranhos demais e, por isso, são excluídos do convívio social. Essa interminável e infundável busca por sobreviver no sistema que preza pelo “consumo”, geram indivíduos que alimentam sentimentos de fracassos, por não alcançarem o progresso propagado pela cultura de “consumo” – como a satisfação, a felicidade, e o sentimento de pertencimento e aceitabilidade social.

O jantar entre duas famílias



Figura 10 – Jantar entre a família Cash e uma família “comum”
Fonte: Capitão Fantástico (2016)

De acordo com Woodward (2000), as identidades dos sujeitos são produzidas na relação com os outros indivíduos e construídas a partir da diferença. O que é do indivíduo corresponde a sua identidade, o que é do “outro” corresponde às diferenças que integram essa mesma identidade. Há sempre essa análise externa ao indivíduo, porém, ambas são dependentes e se constituem por meio de sistemas simbólicos e de classificação.

Na casa dos parentes, na cena ilustrada pela Figura 10, ocorrem situações que reforçam novamente o desconhecimento das crianças sobre o contexto urbano, onde são postos em evidência os conceitos de “identidade” e de “diferença”. É o momento em que os Cash conseguem se enxergar a partir do olhar do “outro”. O episódio sobressalta vários conflitos identitários dadas às diferenças de identidade, por exemplo, a questão de como a “morte” é tratada por cada uma das famílias. Ben, ao ser indagado por seus sobrinhos, fala abertamente sobre o suicídio de Leslie, a irmã, no entanto, por não concordar com a postura de Ben, ausenta-se da mesa de jantar. Na sequência, Ben aproveita a ausência da irmã para servir vinho aos filhos, o que o gera um choque nos outros adolescentes. Em outro momento, os filhos de Ben demonstram estranhamento diante de coisas tão comuns e tão valorizadas pelos seus primos, como marcas de tênis “Adidas” e “Nike”, jogos de videogame, entre outras peculiaridades de cada uma das famílias.

Recriação



Figura 11 – Família Cash em seu novo lar
Fonte: Capitão Fantástico (2016)

De acordo com Ianni (2013) embora a gloriosa trajetória do capitalismo, a “grosso modo”, seja interpretada como uma espécie de “holocausto cultural” por parecer emergir um clima de destruição das formas sociais, relativo ao modo de viver, de ser, a povos, a culturas, entre outros, ele revisa o entendimento ao afirmar que as culturas não se dissolvem, mas recriam-se pois, de acordo com o autor, as formas passadas, permanecem dentro do contexto da sociedade global, a qual revela-se em uma originalidade,

dinamismo e capacidade para intercâmbio. Sendo assim, o complexo processo de globalização faz emergir uma pluralidade de formas de ser “viver, sentir, agir, pensar, sonhar e imaginar” no mundo (IANNI, 2013, p. 78).

O deslocamento à Cidade, que possibilitou aos Cash conhecer um mundo até então desconhecido, a interagir com o “diferente”, para além de provocar um choque cultural, corroborou por gerar mudanças substanciais no ímpeto das identidades do pai e de seus filhos. Na cena da Figura 11, vemos a família em seu novo lar, em contraste ao antigo lar chamado “Steve”, mantendo seu modo de vida natural, as crianças passaram a frequentar a escola possibilitando uma experiência de inteiração social com demais crianças.

As conversas rotineiras com os filhos; o retorno à cidade e as experiências empíricas proporcionadas no âmbito desse novo contexto social; ; a ausência da esposa, alguém que por compactuava dos mesmo princípios e “filosóficas” de vida; um acidente vivido pela filha, Vespy, em que, na tentativa de resgatar o irmão que havia fugido para a casa do avô, correu o risco de morrer e de ficar paraplégica; os constantes embates entre Ben e Jack, entre outros eventos, culminaram nas mudanças cruciais no comportamento de Ben, e também das crianças. Segundo Hall (2006) essas mudanças só ocorrerão porque a identidade não é algo que já nasce com o ser humano, mas que se forma ao longo da existência dele através de processos inconsciente. Ainda de acordo com esse pensamento, as identidades contraditórias e mal resolvidas permanecem com ele durante toda sua existência, é o que Freud (apud Hall, 2006) chama de “Origem contraditória da identidade”, onde o sujeito idealiza possuir uma identidade completa, resolvida, quando na verdade ele encontra-se dividido entre múltiplas identidades, das quais algumas delas encontram-se adormecidas, por escolha do próprio indivíduo.

Considerações finais

Finalmente, percebe-se no enredo filme, que o comportamento de abertura observado na família Cash é reorientado devido ao convívio com o diferente. Também ficou claro que, devido a globalização, a principal característica da cultura contemporânea é a “liquedez”. No dizer dos autores, nessa nova perspectiva cultural, as formas tradicionais foram comprometidas e substituídas por formas instáveis e imprevisíveis, representado pelo exercício da livre escolha em detrimento da submissão à tradição. É o momento em que a cultura orientada pela lógica economicista, subjuga-se mercado de

consumo em escala global, implicado em significativas mudanças sociais e institucionais no âmbito da sociedade, as quais destacam-se o enfraquecimento das forças estatais, insegurança social, crises nas relações sociais, pessoais e individuais, incerteza quanto ao futuro, formas individualizadas, sujeitos que evidenciam em razão dos avanços tecnológicos relações instáveis, frágeis, que facilmente são rompidas com uma simples ligação ou após um novo lançamento de padrão de beleza pela indústria cultural. Nesse cenário, os indivíduos que antes eram tratados como “cidadão” são reduzidos ao status de uma “marionete”, ao serem transformados em “consumidores” e, por vezes, em mercadorias à venda, entre outras mudanças.

A identidade se insere no contexto cultural e a globalização é objeto de um fenômeno, também, cultural. A partir da relação entre identidade e globalização, vislumbram-se dinâmicas identitárias, que consistem em eventos de mudanças e transformações no ímpeto das identidades individuais e coletivas. Sendo a identidade um fenômeno comunicacional, dado que é constituída a partir de processos de comunicação e em relação ao diferente, os quais não necessariamente se sujeitam às leis espaciais e temporais.

Através da análise fílmica percebeu-se que as transformações estão expressas na arte e em narrativas distribuídas na sociedade, e que por meio do filme, - carregados de subjetividade, valores, ideologias, dentre outras características -, é possível compreender, refletir e dialogar com questões que permeiam a realidade da sociedade contemporânea. No caso do “Capitão Fantástico”, os leitores e/ou telespectadores puderam vislumbrar os choques entre culturas diversas, em razão da divergência entre o estilo de vida que os personagens possuíam e a estranheza às normas convencionais da sociedade capitalista e de “consumo”, problemas de convivências e de relação social, dentre outras questões.

Referências

A FOLHA EM BRANCO. **Sobre Capitão Fantástico e a Verdade**. 2019. Disponível em <<https://afolhaembranco-blog.tumblr.com/post/161607309260/sobre-capitao-fantastico-e-a-verdade>>. Acesso em: 15 junho. 2019.

ROSS, Matt. **Capitão Fantástico**. [Filme-vídeo]. Universal Pictures. EUA. 2016. DVD.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Cinecartaz. Público: **Capitão Fantástico**. [s.d]. Disponível em: <
<https://cinecartaz.publico.pt/Filme/capitao-fantastico-363839>>. Acesso em: 10 abr. 2019

FLORES, F. R.; SILVEIRA, A, C, M. **Identidade, um fenômeno comunicacional: A necessária contemplação da esfera midiática em estudos sobre identidade**. Santa Maria - RS, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IANNI, Octavio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2013.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo respostas a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **A produção social da identidade e da diferença**. In:
TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Ed. Summus, 1997.